



Mirian Inêz da Silva

Biografia

Mirian Inêz da Silva

1948, Trindade, GO, Brasil | 1996, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Mirian Inêz da Silva desenvolveu uma trajetória marcada por algumas rupturas e tensões significativas que imprimem maior grau de interesse e de sofisticação à sua produção artística. Nascida em Trindade, Goiás, onde cursou a Escola Goiana de Artes Plásticas, migrou para o Rio de Janeiro e aí frequentou o curso de Pintura de Ivan Serpa, realizado no Museu de Arte Moderna (MAM), em 1962-1963. Ela mudou de uma cultura popular do interior brasileiro, das festividades religiosas, mitos orais, ex-votos e folgedos infantis, para uma sociedade metropolitana, permeada pela cultura de massa da música, teatro, cinema e da história em quadrinhos. A artista iniciou a sua carreira como gravadora reconhecida imediatamente pelo circuito institucional, participando nessa condição da Bienal de São Paulo, nas edições de 1963 (VII Bienal) e 1967 (IX Bienal) e da 1ª e da 2ª Exposição da Jovem Gravura Nacional no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP). Se Mirian se transfere de uma cultura popular para uma cultura de massa, em seguida deverá deslocar-se do ambiente noturno das gravuras para o meio solar das pinturas. As xilogravuras produzidas por ela nos anos 60 possuíam grande qualidade técnica,

rigor no entalhe e uma adequação orgânica das formas às contingências da madeira. O resultado justifica o seu reconhecimento no circuito das artes plásticas do país e no exterior. Com temas comuns, ligados à visualidade do cotidiano, como um cachorro, um automóvel, uma mulher na porta de casa, um barco e imagens de santos, a artista cria um universo soturno, no qual a predominância da cor preta com pequenos veios brancos produz um jogo dialético entre pausa e movimento. A forte influência expressionista, os traços decididos e o tratamento e controle da pouca luz lembram Oswaldo Goeldi. No início da sua trajetória, Mirian já estabelece um conflito ao dar uma expressão noturna ao que ocorre à luz do dia. A luz diurna é transmutada em escuridão. Também nas futuras pinturas deverão ocorrer outras tensões. Mirian abandona as xilogravuras no final dos anos 60 e, em 1970, realiza sua primeira mostra de pinturas na Loja Residência, no Rio de Janeiro. Assim como foi uma premiada gravadora, seu desempenho como pintora também é notável, tanto que em 1983, um momento profícuo da sua produção, fez uma exposição na Galeria Bonino, no Rio de Janeiro.

Uma matéria do jornal O Popular, de Goiânia, do dia 20 de dezembro de 1983, afirma o seu destaque no cenário nacional e transcreve as opiniões da artista: “Para mim pintar é vida. Pinto o que amo e sinto no coração. O povo para mim, o Brasil, são uma atração grande demais. Curto ouvir causos, música popular e o mais importante, estou muito com gente, mas não importa a escala social. Minha pintura deve muito aos grandes mestres que tive em Goiás. E no Rio, o Ivan Serpa”. Esse depoimento permite destacar os temas tratados na sua pintura (e nas gravuras): aspectos da sociabilidade no meio rural e na cidade, a cultura popular, a cultura de massa e as representações religiosas e míticas. Volta-se ao que é vivo, festivo, pulsante e corriqueiro. Percebe-se na obra de Mirian a preocupação com uma certa brasilidade, buscada na natureza e na cultura. Em suas pinturas esses dois aspectos são representados pelas vegetações, pelo mar, pelos circos, festas e brincadeiras infantis. Ao passar da gravura para a pintura, Mirian recupera a luz solar, escondida que estava no escuro das suas xilogravuras. Nas suas pinturas de fundo branco, a pequena forma redonda e alaranjada do sol insiste em aparecer, com frequência. Há, inclusive, uma pintura na qual no lado esquerdo há uma lua crescente e no lado direito oposto, um sol luminoso. As suas pinturas apresentam-se em composições singelas e repetitivas, sobre madeira recortada, herança da xilogravura. Entretanto, essa

aparente simplicidade merece análise, a partir de uma abordagem interna à obra. Não bastassem as tensões já anotadas, tanto na trajetória quanto na linguagem da artista, podem verificar-se novos conflitos, escondidos na superfície aparentemente calma das suas pinturas. De imediato, pode-se destacar uma tensão que se dá permanentemente nas suas pinturas, qual seja, a convivência entre uma ordem abstrata e geométrica e uma ordem figurativa. Todas as pinturas de Mirian possuem uma estrutura geométrica nas bordas do quadro (inferior, superior e laterais) e um amplo espaço branco disponível à narrativa no centro do quadro. Assim as pinturas são constituídas por duas ordens pictóricas, dois territórios visuais, que se encontram lado a lado, a abstração geométrica das bordas e o espaço branco para a elaboração figurativa. Nesse sentido, Mirian é mais do que uma artista figurativa, sendo conveniente enfatizar seu fazer geométrico sensível, próximo da arte concreta. (Dada a ênfase de Mirian ao mestre Ivan Serpa, cabe a indagação: a artista teria entrado em contato com os integrantes do Grupo Frente, que também frequentavam as aulas de Serpa?). Ao se constatar visualmente a presença dessas duas ordens simultâneas, desses dois movimentos de formas e cores, percebe-se que eles se complementam mutuamente e, também, se distanciam, negam-se. Enquanto composição espacial, uma parte necessita da outra; enquanto discussão de linguagem, cada qual coloca problematizações específicas e diferenciadas. Nas pinturas de Mirian, esse conflito não se resolve, mas torna-se um elemento fundamental para compreender a particularidade e sofisticação estética dos seus trabalhos.

As quatro faixas (que podem se desdobrar em outras, como se verá adiante) são livres de representação, significam por si só, mesmo que possam remeter à ideia de janelas, cortinas ou molduras. Mas, se fossem tais as equivalências das faixas, elas poderiam aparecer eventualmente. Existem algumas pinturas com cortinas encostadas nas faixas, diferenciando uma da outra. Então, as faixas não são equivalências, nem representações, são formas autônomas e permanentes que imprimem uma determinada estruturação da pintura, compondo a sua totalidade. Veja-se que as faixas não apenas são formalmente diferentes dos acontecimentos visuais do plano branco, mas, como grande colorista que é, a artista dá um tratamento de cor diferente para essas duas ordens estéticas. As faixas são feitas em cores escuras e tons baixos, enquanto as formas/figurações do plano branco possuem cores claras, vibrantes e brilhantes. Além do mais, as faixas atraem e retêm a luz das cores, enquanto as

formas/figuras do plano branco emitem e expulsam a luz. Mirian está tratando de duas esferas distintas e opostas que estruturam conflituosamente os seus quadros. Para efeito de aproximações, percebe-se que a paleta de cores das faixas geométricas remete a Iberê Camargo, enquanto as cores utilizadas para a elaboração do plano figurativo – onde cores brilhantes contrastam com o fundo – lembram Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. Além do mais, Mirian parece retirar de Tarsila os volumes e traçados curvos e sintéticos utilizados para compor as suas vegetações, morros, nuvens e ondas do mar. Quando a narrativa no espaço branco ocorre em ambiente externo, Mirian coloca dois pequenos semicírculos azuis nos cantos superiores da pintura, simbolizando o céu. Dessa forma, algumas composições lembram um nicho ou uma arquitetura bizantina que acolhe as personagens da narração. Cria-se, assim, devido às pequenas curvaturas, um ambiente de espiritualidade. Pode-se pensar o uso das faixas como um esforço construtivo para compor as pinturas, valorizando o plano e a ausência da perspectiva. Tanto as faixas quanto as figurações encontram-se no mesmo plano pictórico; são elaboradas com controle e com justa definição de fronteiras entre formas e cores. Por isso, sem a presença de um ponto de fuga, as imagens (desenhadas com aparente simplicidade) geralmente são frontais, como também são as faixas. Tão equivalentes são essas duas ordens e esses movimentos que, de imediato, apreendemos uma unidade baseada na geometria emanada das faixas, que impacta a ordem figurativa, tornando-a mínima e eliminando o naturalismo e o realismo nas pinturas. A especificidade da linguagem de Mirian caminha numa direção construtiva. Assim, pode-se afirmar a existência de uma unidade híbrida, de convivência entre diferentes, imprimindo particularidade à sua obra. A dimensão geométrica pode ser reforçada ao se observar que grande parte das pinturas de Mirian se faz por espaços horizontais sobrepostos. Ao se iniciar o olhar pela parte inferior da pintura, a primeira camada é sempre a faixa autônoma, em seguida geralmente pode ocorrer a faixa horizontal do chão/terra. Algumas vezes esta segunda faixa pode ser aquela que representa o mar ou o ar. Por fim, chega-se à última faixa, geralmente autônoma, e a sugestão do céu são os pequenos semicírculos azuis laterais. Diante da imobilidade das faixas e do fundo branco, nas cenas criadas pela artista os personagens estão sempre em ação. Mirian capta um momento de acontecimentos dinâmicos: passeios, festas, namoros, atos religiosos, danças, mesas de bar e espetáculos diversos. Há um certo aspecto trágico na constatação de que o

movimento fugaz, passageiro, mutável, da dimensão figurativa ocorre junto a um mundo inflexível, rígido e permanente da dimensão geométrica. Diferentemente da percepção visual de movimento que se verifica nos registros do cotidiano, nas cenas religiosas predomina a percepção de estabilidade.

Na sociedade e na estrutura da pintura de Mirian existem conflitos agônicos, irreduzíveis. Talvez se possa pensar que suas pinturas não expressam apenas a alegria de viver ou a celebração da vida. Por que não considerar, sob uma perspectiva trágica, que Mirian elabora sua transparente, vazada e flutuante figuração, como um desejo de vida plena, na constatação ou suspeita de que estruturas fortes e permanentes podem ser obstáculos ou limites ao bom encaminhamento do que ocorre no cotidiano? Talvez por isso a recusa da perspectiva, do naturalismo e do realismo. Talvez por isso suas figuras geralmente flutuam no espaço branco. Talvez por isso seja necessário sair do cotidiano e buscar auxílio no religioso e no mítico – dar vida às sereias, reconhecer a possibilidade de voar ou planar no ar, buscar o prazer de uma mesa de bar ou de um jogo de cartas, equilibrar-se num fio ou em um cavalo a galope. Nas mitologias e na religião Mirian busca a saída para Ícaro continuar seu voo ou para Adão e Eva continuarem a sua peregrinação. A perda do paraíso pode ser pressentida em vários dos seus trabalhos. Tendo que situar-se entre diferentes conflitos, a obra de Mirian é permeada por alguns paradoxos. Um deles tem como centro a “mulher de vestido vermelho”. Assim como é numerosa a série de pinturas de cunho religioso (exemplar dessa temática é a pintura Cristo crucificado, em que este é ladeado por dois anjos, de 1981), também é destacável a questão do feminino. A artista, várias vezes, cruza os temas da religiosidade e da sensualidade, como ocorre nas pinturas que representam Adão e Eva, nus e sensuais, como mostra a pintura Adão e Eva (1992). Ou então a artista insiste no tema do encontro de casais (Gabriela e Nassif [1978] e Casal [1995]). Mas essa questão torna-se potente quando Mirian apresenta a mulher de vestido vermelho, ostensivamente presente em cenas de bares, danças e festejos. Veja-se a pintura Geni e o homem do Zepelim (1981), na qual a mulher de vestido vermelho coloca-se numa posição decidida e altiva, desafiadora e disposta ao enfrentamento contra o homem e a máquina. Esta questão do feminino, às vezes abordada com humor, perpassa inclusive os trabalhos com o tema das sereias. A postura, a sensualidade e o cenário que envolve a mulher de vestido vermelho são uma pista para aproximar as pinturas de

Mirian aos recursos do teatro. A exposição da Galeria Bonino, em 1983, contou com várias pinturas que se referenciam pelo teatro: Eles não usam black-tie, Gabriela, cravo e canela, Teatrinho azul e O circo voador. Além do mais, Mirian produziu várias pinturas focando cantores populares da música brasileira, como Dalva de Oliveira, Elba Ramalho, Gal Costa, Ney Matogrosso (em representações bastante sensuais) e Chico Buarque (em postura intelectual). A aproximação entre os trabalhos de Mirian e o teatro pode ser reforçada, ainda, ao se observar que as faces das figuras pintadas pela artista parecem máscaras teatrais. Seres humanos e animais portam uma máscara congelada e repetida, com muita maquiagem, bochechas rosadas e lábios destacados. Suas pinturas apresentam o mundo acontecendo em uma boca de cena. A ação figurativa dada no espaço branco e luminoso não é real, mas sim uma representação possível. O clima é onírico, flutuante e lúdico – tudo é desejo buscando expressão visual. Temos, então, um paradoxo brechtiano: Mirian não quer nos enganar com suas pinturas, elas são alegorias e não pretendem ser nem realistas nem naturalistas. A partir do conflito entre ordem abstrata geométrica e ordem figurativa, a obra de Mirian pode ser entendida como uma dimensão intermediária para se pensar a arte e a vida. Suas pinturas permitem problematizar a linguagem na arte e, simultaneamente, passar a visão de uma observadora da vida das pessoas e da sociedade brasileira.



Vilma Eid fala sobre a artista Mirian Inêz da Silva

[Clique aqui](#)

Exposições Individuais:

2021 Mirian Inez da Silva, Museu Nacional da Republica, Brasília, Brasil

2021 As Impurezas Extraordinárias de Mirian Inez da Silva, Almeida e Dale Galeria de Arte, São Paulo, Brasil

2015 Mirian I Pinturas e Gravuras, Galeria Estação, São Paulo, SP, Brasil

Exposições Coletivas:

2023 REVERSOS & TRANSVERSOS: artistas fora do eixo (e amigos) nas bienais, Galeria Estação, São Paulo – SP, Brasil

2022 Histórias brasileiras, MASP, São Paulo, SP, Brasil

2021 Eles já Estavam Aqui, Galeria Base, São Paulo, SP, Brasil

2020 Mulheres na Arte Popular, Galeria Estação, São Paulo, SP, Brasil

2019 O Sagrado na Arte Moderna Brasileira, Museu de Arte Sacra, São Paulo, Brasil

2018-2019 Exposición Lina Bo Bardi Tupí or not tupí?, Fundación Juan March, Madrid, Espanha

2009 Brasil Brasileiro, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

2008-2009 Brasil Brasileiro, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, SP, Brasil

- 2005 O Prazer é Nosso, Galeria Brasileira, São Paulo, SP, Brasil
- 2004-2005 Forma, Cor e Expressão, Galeria Estação, São Paulo, SP, Brasil
- 2002 6º Bienal Naifs do Brasil, Piracicaba, São Paulo, Brasil
- 2002 Pop Brasil: a arte popular e o popular na arte, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, SP, Brasil
- 2000 Mostra do Redescobrimento, Brasil 500 é mais, Parque Ibirapuera, São Paulo, Brasil
- 1999 Gênios Ingênuos 70/80, Brasília, Brasil
- 1994 Grande Exposição de Arte Naif Brasileira, Galeria Jacques Ardies, São Paulo, SP, Brasil
- 1980 Pintura Primitiva do Brasil, Museu de Arte Carrilo Gil, México
- 1980 Gente da Terra, Paço das Artes, São Paulo, SP, Brasil
- 1980 Imagens de Dança, Paço das Artes, São Paulo, Brasil
- 1976 Peintre de L' Imaginaire, Paris, França
- 1969 Bienal da Gravura de Santiago, Chile
- 1968 19º Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, MAM-RJ, Brasil
- 1968 17º Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, MAM-RJ, Brasil
- 1967 Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
- 1965 Exposição da Jovem Gravura Nacional, Museu de Arte da Pampulha (MAP), Belo Horizonte, MG, Brasil
- 1965 Exposição da Jovem Gravura Nacional, Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), Florianópolis, SC, Brasil
- 1964 Exposição da Jovem Gravura Nacional, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP), São Paulo, SP, Brasil
- 1963 Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Coleções Públicas

Museu de Arte de São Paulo MASP, São Paulo, Brasil

Publicações Seleccionadas:

2021 As impurezas extraordinárias de Miriam Inez da Silva, Almeida e Dale Galeria, São Paulo, Brasil

2020 Mulheres na Arte Popular, Vilma Eid e Fernanda Pitta, Lis Gráfica, São Paulo, SP, Brasil

2018 Arte Popular Brasileira: olhares contemporâneos, Vilma Eid e Germana Monte-Mór, Editora WMF Martins Fontes, São Paulo, SP, Brasil

2015 Mirian, Vilma Eid e Miguel Chaia, Lis Gráfica, São Paulo, SP, Brasil

2000 Mostra do Redescobrimento: arte popular. Nelson Aguiar, organizador / Fundação Bienal de São Paulo de São Paulo e Associação 500 Anos

Artes Visuais

1988 Dicionário crítico da pintura no Brasil, Artlivre

1979 Artes Plásticas no Centro-Oeste, MACP

1978 Aspectos da pintura primitiva brasileira, Spala

Exposições



2021 Mirian Inez da Silva, Museu Nacional da Republica, Brasília, Brasil

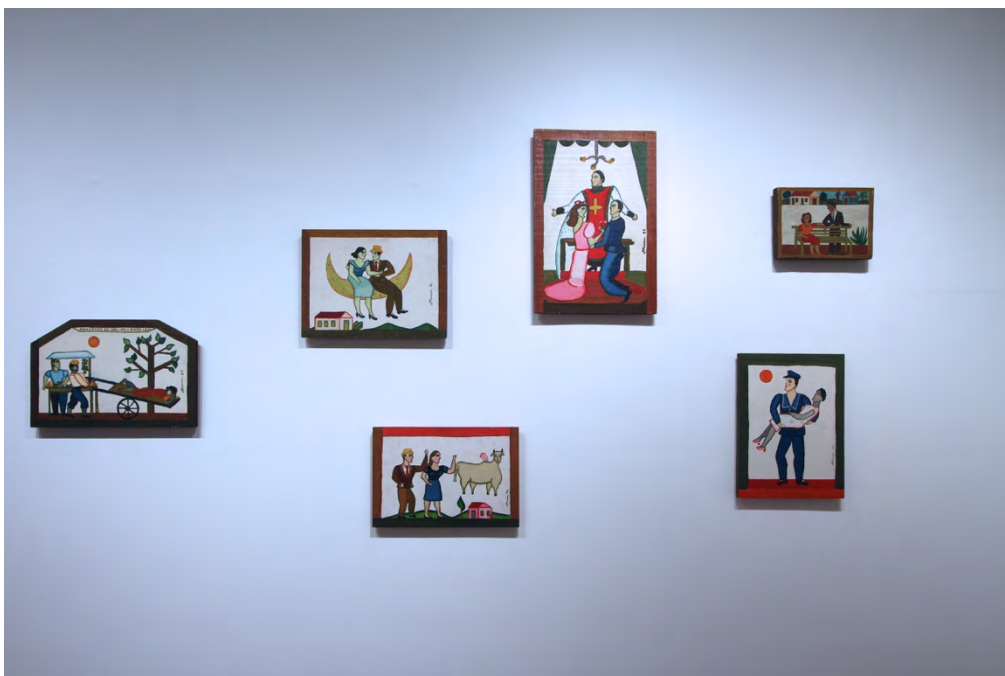


2021 As Impurezas Extraordinárias de Mirian Inez da Silva, Almeida e Dale Galeria de Arte, São Paulo, Brasil





2015 Mirian I Pinturas e Gravuras, Galeria Estação, São Paulo, SP, Brasil



Obras



Casal, 1981

Óleo sobre madeira

24,5 x 32,5 cm | 9.44 x 12.59 in



Sem título, 1980

Óleo sobre madeira

30 x 40 cm | 11.81 x 15.74 in







O casamento, 1981

Óleo sobre madeira

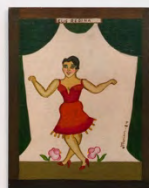
25,5 x 35,5 cm | 9.84 x 13.77 in



Serenata, 1981

Óleo sobre madeira

50 x 25 cm | 19.68 x 9.84 in





Sem título, 1970
Óleo sobre madeira
22 x 18 cm | 8.66 x 7.08 in





Sem título, 1978
Óleo sobre madeira
20 x 15 cm | 7.87 x 5.90 in

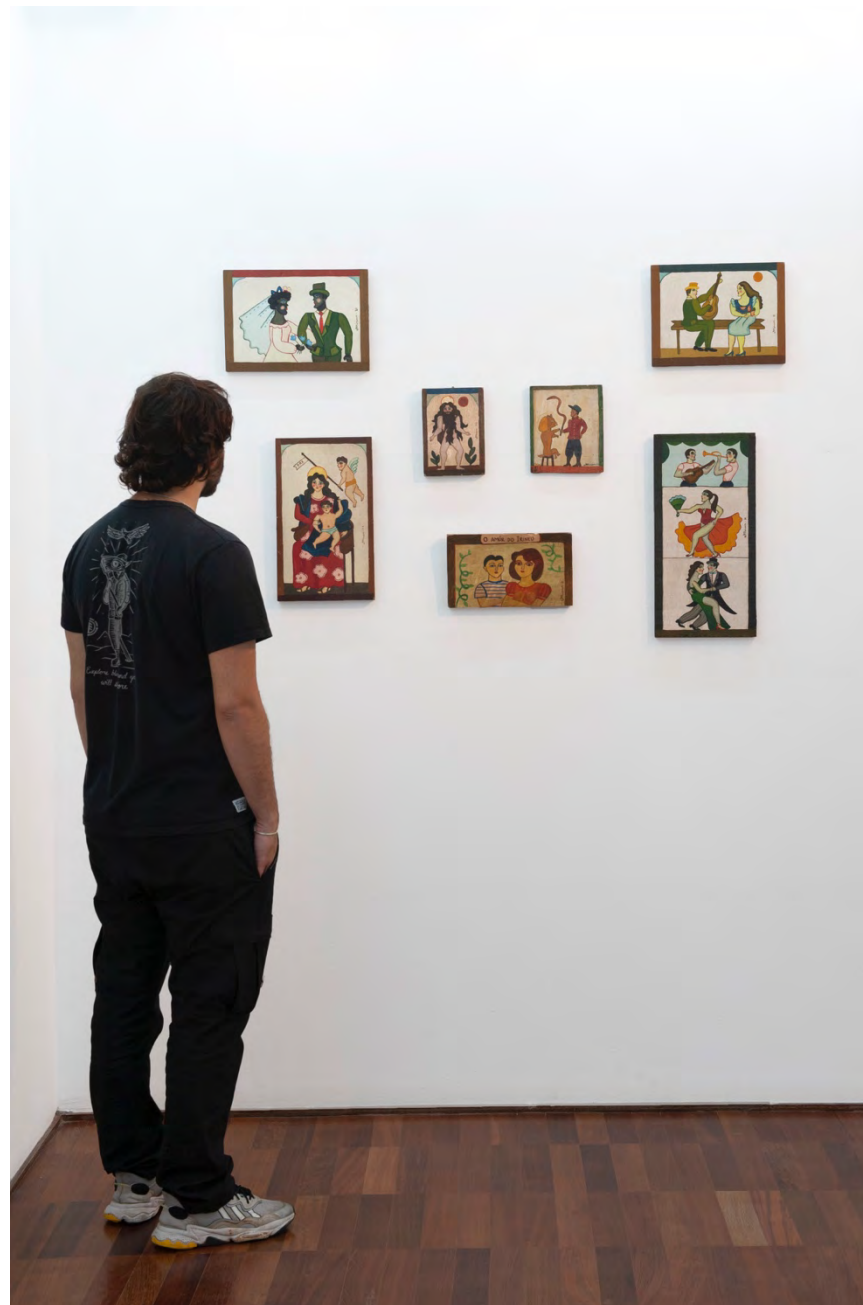


Sem título, 1977

Óleo sobre madeira

30 x 60 cm | 11.81 x 23.62 in





Com um acervo entre os mais importantes do país, a Galeria Estação, inaugurada no final de 2004, consagrou-se por revelar e promover a produção de arte brasileira não erudita. A galeria foi responsável pela inclusão desta linguagem na cena artística contemporânea, ao editar publicações e realizar exposições individuais e coletivas dentro e fora do País.

A Galeria Estação trabalha com obras de conhecidos autodidatas oriundos de várias regiões do Brasil, como Agostinho Batista de Freitas, Alcides dos Santos, Amadeo Luciano Lorenzato, Artur Pereira, Aurelino dos Santos, Chico Tabibuia, Cícero Alves dos Santos-Véio, G.T.O, Gilvan Samico, Itamar Julião, João Cosmo Felix-Nino, José Antônio da Silva, José Bezerra, Manuel Graciano, Maria Auxiliadora, Mirian Inês da Silva, Neves Torres, entre outros.

Atualmente a galeria vem incorporando ao seu elenco artistas pertencentes ao circuito artístico contemporâneo cujas obras dialogam com a criação não erudita, como André Ricardo, José Bernnô, Julio Villani, Germana Monte-Mór, Moisés Patrício e Santídio Pereira.

Partindo desta rara competência, o espaço consegue oferecer um panorama histórico e atual de uma produção que ultrapassou os limites da arte popular, ao mesmo tempo em que investiga nomes que, independentemente da formação, trabalham com elementos da mesma fonte.

Galeria Estação

Rua Ferreira de Araújo, 625 – Pinheiros – fone: (11) 3813-7253 De segunda a sexta, das 11h às 19h, sábado das 11h às 15h

www.galeriaestacao.com.br

contato@galeriaestacao.com.br